

## OS ANOS PERDIDOS

MARY HIGGINS CLARK

# OS ANOS PERDIDOS

Tradução de  
ANA CUNHA RIBEIRO



## PRÓLOGO

1474 d.C.

Na quietude silenciosa da noite, quando as sombras caíam sobre a cidade eterna de Roma, um monge idoso, de ombros descaídos, dava entrada na Bibliotheca Secreta, uma das quatro salas que constituíam a Biblioteca do Vaticano. A coleção era composta por um total de 2527 manuscritos, escritos em latim, grego e hebraico. Alguns podiam ser lidos por pessoas alheias ao Vaticano, sob rigorosa supervisão. Outros, não.

O mais controverso dos manuscritos era conhecido como o pergaminho de José de Arimateia, ou a Carta do Vaticano. Fora levado até Roma pelo apóstolo Pedro e acreditava-se ser a única carta existente escrita por Cristo.

Era uma carta simples, em que Jesus agradecia a José pela sua amabilidade desde que O ouvira pregar no Templo de Jerusalém pela primeira vez, quando tinha doze anos. José acreditara que Ele era o Messias há muito aguardado.

Mais tarde, o filho do rei Herodes soube que nascera em Belém uma criança profundamente sábia e culta e ordenou que a matassem. Quando o soube, José viajou imediatamente para Nazaré e foi autorizado pelos pais do rapaz a levá-Lo para o Egito, para que ficasse em segurança e pudesse estudar no Templo de Leontópolis, no vale do Nilo.

Os dezoito anos que se seguiram da vida de Cristo ficaram perdidos para a História. Quando o fim do Seu ministério se aproximava, antevendo que a última gentileza que José Lhe ofereceria seria o túmulo onde repousaria, Cristo escreveu aquela carta, em que expressava gratidão ao seu fiel amigo.

Ao longo dos séculos, alguns papas acreditaram na veracidade do documento e outros não. O bibliotecário do Vaticano teve conhecimento de que o papa Sisto IV considerava a hipótese da sua destruição.

O assistente do bibliotecário aguardava a chegada do monge à Bibliotheca Secreta. Com um olhar de profunda perturbação, entregou-lhe o pergaminho.

— Faço isto a mando de Sua Eminência o Cardeal del Portego — disse. — O pergaminho sagrado não deverá ser destruído. Esconda-o bem no mosteiro e não deixe que ninguém conheça o seu conteúdo.

O monge pegou no pergaminho, beijou-o com reverência e, de seguida, fechou as mãos sobre os braços e envolveu-o com as mangas protetoras do hábito.

A carta escrita a José de Arimateia só voltou a aparecer quinhentos anos depois, quando teve início a história que vou contar.

## CAPÍTULO

---

# 1

Hoje é o dia do funeral do meu pai. Foi assassinado.

Foi este o primeiro pensamento de Mariah Lyons, de vinte e oito anos, quando acordou de um sono agitado na casa onde fora criada, em Mahwah, uma cidade localizada na fronteira das montanhas Ramapo, em Nova Jérсия. Limpou as lágrimas que lhe brotavam dos olhos, sentou-se devagar, pôs os pés no chão e olhou à volta do quarto.

Quando completou dezasseis anos, como presente, pôde redecorar a divisão e escolheu pintar as paredes de vermelho. Para a colcha, almofadas e sanefas, escolheu um padrão alegre, vermelho e branco. Era na cadeira grande e confortável, que se encontrava no canto do quarto, que fazia sempre os trabalhos de casa, em vez de usar a secretária. Os seus olhos pousaram sobre a prateleira que o pai colocara por cima da cómoda para exhibir os troféus dos campeonatos de futebol e de basquetebol que a sua equipa ganhara na escola secundária. Tinha tanto orgulho em mim..., pensou com tristeza. Quis redecorar o quarto quando terminei a faculdade, mas eu nunca aceitei. Não me importo que continue a parecer o quarto de uma adolescente.

Lembrou-se de que, até àquela altura, tinha sido uma pessoa afortunada cuja única experiência de morte na família fora, quando tinha quinze anos, a sua avó, de oitenta e seis,

ter morrido enquanto dormia. Eu adorava a avó, mas fiquei muito feliz por ela ter sido poupada a uma vida indigna, pensou. As forças começavam a faltar-lhe e ela odiaria depender de outra pessoa.

Mariah levantou-se, pegou no robe que se encontrava aos pés da cama e vestiu-o, atando o cordão à volta da sua cintura elegante. Mas isto é diferente, pensou. O meu pai não morreu de causas naturais. Foi baleado enquanto lia, no seu escritório do andar de baixo. Ficou com a boca seca quando colocou a questão que fizera a si mesma vezes sem conta. A mãe estava lá quando aquilo sucedeu? Ou entrou depois de ter ouvido o ruído produzido pelo disparo? E será possível que tenha sido ela a disparar? Por favor, meu Deus, espero que não tenha sido assim...

Dirigiu-se ao toucador e olhou para o espelho. Estou tão pálida, pensou, enquanto escovava o cabelo escuro que usava pelos ombros. Tinha os olhos inchados de tanto chorar nos últimos dias. Passou-lhe pela cabeça um pensamento incongruente: Ainda bem que herdei os olhos azuis do papá. Ainda bem que sou alta como ele. Foi uma grande ajuda quando jogava basquetebol.

— Não posso acreditar que ele partiu — sussurrou, recordando a festa do septuagésimo aniversário do pai, três semanas antes.

Passaram-lhe pela cabeça os acontecimentos dos últimos quatro dias. Na segunda-feira à noite, ficara no escritório a delinear um plano de investimento para um cliente novo. Quando chegou a casa, ao seu apartamento situado em Greenwich Village, às oito da noite, já tinha feito a visita diária ao pai. Recordou que o pai parecia muito em baixo, tendo-lhe contado que a mãe tivera um dia terrível, que

era evidente que a doença de Alzheimer estava a piorar. Algo a tinha feito voltar a ligar às dez e meia. Estava preocupada com os dois.

Quando o meu pai não me atendeu, percebi que se tinha passado alguma coisa. Mariah recordou a viagem aparentemente interminável que a levava de Greenwich Village até Nova Jérсия naquela noite. Liguei-lhes várias vezes quando ia a caminho, pensou. Lembrava-se de ter entrado no caminho de acesso a casa às onze e vinte, à procura da chave, às escuras, enquanto saía do carro. As luzes do andar de baixo ainda estavam acesas e, quando entrou, dirigiu-se diretamente ao escritório.

O horror que encontrou reproduziu-se na sua mente mais uma vez. O pai estava caído sobre a secretária, com a cabeça e os ombros ensanguentados. A mãe, ensopada em sangue e aterrada, encontrava-se agachada no armário ao lado da secretária e tinha a pistola dele na mão.

A mãe viu-me e começou a gemer: «Tanto barulho... tanto sangue...»

Fiquei uma pilha de nervos, recordou Mariah. Quando telefonei para o 112, só consegui gritar: «O meu pai está morto. Deram um tiro ao meu pai.»

A polícia chegou daí a uns minutos. Nunca me hei de esquecer de como olharam para a minha mãe e para mim. Eu tinha abraçado o meu pai e também estava cheia de sangue. Ouvi um dos agentes dizer que eu contaminara o local do crime, por ter tocado no meu pai.

Mariah apercebeu-se de que estava a olhar para o espelho sem ver nada. Quando olhou para o relógio que se encontrava sobre o toucador, viu que já eram sete e meia. Tenho de me arranjar, pensou. Temos de estar na agência

funerária às nove. Espero que a Rory já esteja a tratar da mãe. Rory Steiger, uma mulher robusta, de sessenta e dois anos, era a dama de companhia da sua mãe há dois anos.

Daí a vinte minutos, depois de um duche e com o cabelo já seco, Mariah voltou a entrar no quarto, abriu a porta do roupeiro e tirou o casaco preto e branco e a saia preta que decidira vestir para o funeral. Quando morria um familiar, as pessoas costumavam vestir-se de preto da cabeça aos pés, pensou. Lembro-me de ter visto fotografias de Jackie Kennedy com um véu comprido de luto. Oh meu Deus, porque é que teve de acontecer?

Quando acabou de se vestir, caminhou até junto da janela. Deixara-a aberta ao deitar-se e a brisa fazia as cortinas ondularem no peitoril. Por um instante, ficou a olhar para o quintal das traseiras, banhado pela sombra dos áceres japoneses que o pai plantara há muitos anos. As begónias e as alegrias-do-lar que ele semeara na primavera adornavam o pátio. O sol fazia as montanhas Ramapo reluzirem à distância, em tons de verde e dourado. Era um dia de verão perfeito. Não quero que seja um dia bonito, pensou Mariah. Parece que não aconteceu uma coisa horrível. Mas aconteceu. O papá foi assassinado. Quero que esteja chuvoso, frio e húmido. Quero que a chuva chore sobre o seu caixão. Quero que os céus chorem por ele.

Ele partiu para sempre...

Foi tomada pela culpa e pela tristeza. O gentil professor universitário, que ficara tão feliz por se ter reformado três anos antes e que passava a maior parte do tempo a estudar manuscritos antigos, fora brutalmente assassinado. Eu amava-o tanto, mas é terrível que no último ano e meio a nossa relação estivesse tão tensa, tudo por causa do relacionamento que ele mantinha com a Lillian Stewart, a professora



que conhecera na Universidade de Nova Iorque quando lá dava aulas.

Mariah recordou a sua consternação quando chegara a casa, um ano antes, e encontrara a mãe com fotografias na mão do pai e de Lillian abraçados. Fiquei muito zangada quando percebi que aquilo durava desde que a Lily fora com ele, para escavações arqueológicas, ao Egito, à Grécia, a Israel ou sabe Deus onde, há cinco anos. Fiquei furiosa por ele a convidar para casa quando recebia outros amigos, como o Richard, o Charles, o Albert ou o Greg, para jantar.

Odeio aquela mulher, disse Mariah para consigo.

O facto de o meu pai ser vinte anos mais velho do que ela parece não ter a incomodado, pensou Mariah, aborrecida. Eu tentei ser justa e compreender.

A mãe está a afastar-se há anos e sei que foi muito duro para o pai vê-la deteriorar-se. Mas ela continua a ter dias bons. Continua a falar muito daquelas fotografias. Ficou muito magoada por descobrir que havia outra pessoa na vida do pai.

Não quero pensar nisto, pensou Mariah, quando voltou as costas à janela. Quero que o meu pai esteja vivo. Quero dizer-lhe como estou arrependida por lhe ter perguntado, ainda há uma semana, se a Lily do vale do Nilo fora uma boa companhia na sua recente viagem à Grécia.

Afastou-se da janela, dirigiu-se à secretária e observou uma fotografia da mãe e do pai, tirada há dez anos. Lembro-me de como eram carinhosos um com o outro. Casaram-se quando andavam na faculdade.

Eu só nasci passados quinze anos.

Sorriu quando se lembrou de que a mãe lhe dissera que, depois daquela espera, Deus lhes tinha dado a filha perfeita. Na verdade, a mãe estava a ser mais do que generosa, pensou. O meu pai e a minha mãe eram os dois tão atraentes... E elegantes. E encantadores. Quando era mais nova, eu não era uma beleza de fazer virar cabeças. Uma cabeleira preta e lisa, tão magra que parecia subnutrida, alta como um poste e com uns dentes a que me habituei mas que, quando nasceram, eram demasiado grandes para a minha cara. Tive a sorte de acabar por me tornar uma combinação interessante dos dois.

Pai, papá, por favor não estejas morto. Está à mesa do pequeno-almoço quando eu chegar. Com a caneca de café na mão, a ler o *Times* ou o *Wall Street Journal*. Eu pego no *Post* e abro-o na «página seis» e tu olhas-me por cima dos óculos e lanças-me aquele olhar que diz que é terrível desperdiçarmos a nossa inteligência.

Eu não quero comer nada. Só vou beber café, decidiu Mariah, quando abriu a porta do quarto e percorreu o corredor na direção das escadas. Parou no último degrau, mas não ouviu qualquer som proveniente dos quartos comunicantes, onde a sua mãe e Rory dormiam. Espero que isto signifique que já estão lá em baixo, pensou.

Não havia sinal delas na sala do pequeno-almoço. Entrou na cozinha. Estava lá Betty Pierce, a empregada doméstica.

— Mariah, a sua mãe não comeu nada. Queria ir para o escritório. Não me parece que vá gostar do que ela vestiu, mas insistiu muito. É aquele fato de linho, azul e verde, que lhe ofereceu no Dia da Mãe.

Mariah pensou protestar, mas perguntou-se: que diferença faz? Pegou no café que Betty lhe serviu e levou-o para o escritório. Rory estava lá e parecia incomodada. Perante a pergunta que Mariah não chegou a fazer-lhe, acenou com a cabeça na direção da porta do roupeiro.

— Não me deixa manter a porta aberta — disse. — Não me deixa ficar lá com ela.

Mariah bateu à porta do armário e abriu-a devagar, ao mesmo tempo que chamava a mãe pelo nome. Por estranho que pudesse parecer, por vezes a mãe reagia mais facilmente assim do que quando lhe chamava «mãe».

— Kathleen — disse, com gentileza —, Kathleen, está na hora de beber um chá e comer um bolinho de canela.

O roupeiro era espaçoso, com prateleiras de ambos os lados. Kathleen Lyons encontrava-se sentada no chão, num dos extremos. Tinha os braços a envolverem-lhe o corpo, de modo protetor, e a cabeça encostada ao peito, como se estivesse a fazer um esforço para respirar. Os seus olhos estavam completamente fechados e o cabelo prateado caía-lhe para a frente, cobrindo-lhe quase a totalidade do rosto. Mariah ajoelhou-se, abraçou-a e embalou-a como se fosse uma criança.

— Tanto barulho... tanto sangue... — murmurou a mãe. Eram as mesmas palavras que não parava de repetir desde o homicídio. Mas, a seguir, permitiu que Mariah a ajudasse a levantar-se e que lhe afastasse o cabelo curto e ondulado do bonito rosto. Mais uma vez, Mariah lembrou-se de que a mãe era apenas uns meses mais nova do que o pai e que não parecia ter a idade que tinha, não fosse a forma cautelosa como andava, como se fosse cair num abismo a qualquer momento.

Ao sair do escritório com a mãe, Mariah não reparou na expressão sofrida que Rory Steiger tinha no rosto nem no sorriso secreto que esboçou.

Não vou ter de a aturar por muito mais tempo, pensou Rory.

## CAPÍTULO

# 2

O detetive Simon Benet tinha a aparência de alguém que passava muito tempo na rua. Tinha quarenta e poucos anos, cabelo fino cor de areia e complexão rosada. O casaco do fato estava sempre amarrotado porque, mal o pudessem despir, atirava-o para cima de uma cadeira ou para o banco de trás do carro.

A sua parceira, a detetive Rita Rodriguez, era uma hispânica atraente de trinta e muitos anos e cabelo castanho com um corte moderno. Sempre impecavelmente vestida, contrastava com Benet. Na realidade, formavam uma equipa de investigação de alto nível e tinham sido destacados para investigar o homicídio de Jonathan Lyons.

Foram os primeiros a chegar à agência funerária na sexta-feira de manhã. Estavam a ver se aparecia alguém que pudesse ser um potencial suspeito, de acordo com a teoria de que, se o crime tivesse sido cometido por um intruso, ele iria querer dar uma olhadela à vítima. Tinham examinado fotografias de ex-condenados que se encontravam em liberdade condicional e que haviam estado envolvidos em assaltos a casas nas imediações.

Qualquer pessoa que tenha passado por um dia assim sabe como é, pensou Rodriguez. Havia flores em abundância, apesar de ela saber que no obituário fora pedido que, em vez de flores, fossem feitos donativos ao hospital local.

A agência funerária começou a ficar cheia bastante antes das nove horas. Os detetives sabiam que algumas pessoas estavam ali apenas por curiosidade mórbida — Rodriguez conseguia detetá-las num instante. Ficavam junto ao caixão por um tempo desnecessariamente longo, à procura de sinais de traumatismos no rosto do morto. Mas Jonathan Lyons tinha uma expressão tranquila, e a perícia do maquiador da funerária escondera, com sucesso, qualquer sinal de agressão que pudesse ter acontecido.

Há três dias que andavam a tocar às campainhas dos vizinhos, na esperança de que alguém pudesse ter ouvido o tiro ou visto alguém a fugir de casa depois do disparo. A investigação revelara-se improdutiva. Os vizinhos mais próximos estavam fora, de férias, e mais ninguém vira ou ouvira nada fora do normal.

Mariah indicara-lhes os nomes das pessoas que eram muito próximas do pai e a quem ele poderia ter feito confidências se tivesse algum problema.

— Richard Callahan, Charles Michaelson, Albert West e Greg Pearson, todos acompanharam o meu pai nas suas viagens arqueológicas anuais, pelo menos nos últimos seis anos — dissera-lhes. — Reúnem-se todos num jantar em casa do meu pai pelo menos uma vez por mês. O Richard é professor de estudos bíblicos na Universidade de Fordham. O Charles e o Albert também são professores. O Greg é um homem de negócios bem-sucedido. Tem uma empresa relacionada com consumíveis informáticos.

A seguir, com uma raiva evidente, Mariah dera-lhes também o nome de Lillian Stewart, a amante do pai.

Eram as pessoas que os detetives queriam conhecer e com quem pretendiam marcar uma hora para interrogatório.

Benet pediu à dama de companhia, Rory Steiger, que os identificasse quando chegassem.

Mariah, a mãe e Rory entraram na agência funerária quando faltavam vinte minutos para as nove. Apesar de os detetives terem estado duas vezes em sua casa nos últimos dias, Kathleen Lyons olhou para eles de forma inexpressiva. Mariah acenou a cabeça na sua direção e foi para junto do caixão cumprimentar as pessoas que por ali passavam.

Os detetives escolheram um local próximo, onde podiam ver claramente os rostos e a interação que as pessoas tinham com Mariah.

Rory ajudou Kathleen a instalar-se na fila da frente e juntou-se-lhes. Discreta, com o seu vestido preto e branco e o cabelo preso num carrapito, Rory ficou de pé atrás dos detetives. Procurou não demonstrar que se encontrava nervosa por os estar a ajudar. Não parava de pensar que apenas aceitara aquele trabalho, dois anos antes, por causa de Joe Peck, o viúvo de sessenta e cinco anos que vivia no mesmo condomínio que ela, em Upper West Side, em Manhattan.

Ela e Joe jantavam juntos com regularidade, ele era bombeiro reformado e tinha uma casa na Florida. Joe confidenciara-lhe que se sentia muito só desde que a mulher morrera e Rory acalentava a esperança de que ele a pedisse em casamento. Até que, certa noite, ele lhe disse que, apesar de apreciar sair com ela pontualmente, conhecera outra pessoa e ia viver com ela.

Nessa mesma noite, ao jantar, zangada e desapontada, Rory dissera à sua melhor amiga, Rose, que ia aceitar o emprego que lhe tinham oferecido em Nova Jérсия.

— Pagam bem. Fico presa de segunda a sexta, mas não tenho motivos para vir a correr para casa depois de um dia de trabalho, à espera que o Joe me ligue — comentara Rory, amargurada.

Nunca pensei que aceitar este emprego desse nisto, pensou. Foi quando viu dois homens de sessenta e muitos anos.

— Para que saibam — sussurrou aos detetives Benet e Rodriguez —, aqueles homens são especialistas na mesma área que o professor Lyons. Costumavam ir lá a casa e sei que falavam muitas vezes com ele ao telefone. O mais alto é o professor Charles Michaelson. O outro é o doutor Albert West.

Daí a um minuto, deu um puxão na manga de Benet.

— Chegaram o Callahan e o Pearson — disse. — A namorada vem com eles.

Os olhos de Mariah esbugalharam-se quando viu quem estava a chegar. Não pensei que a Lily do vale do Nilo se atrevesse a aparecer, pensou, e, sem querer, teve de admitir que Lillian Stewart era uma mulher muito atraente, com o seu cabelo castanho e grandes olhos verdes. Vestia um fato cinzento-claro, de linho, com uma gola branca. Quanto tempo terá passado a vasculhar lojas até o encontrar? Parece o fato de luto perfeito para uma amante.

Era precisamente este tipo de coisas que eu andava a dizer ao meu pai acerca dela, pensou, arrependida. E perguntei-lhe se ela levava os saltos altos quando andavam a escavar ruínas. Mariah ignorou Lillian e aproximou-se de Greg Pearson e Richard Callahan, a quem apertou a mão.

— Não é um bom dia, pois não? — perguntou-lhes.



A dor que viu nos olhos de ambos era reconfortante. Ela sabia como aqueles homens valorizavam a amizade do seu pai. Tinham ambos trinta e poucos anos e eram arqueólogos amadores entusiastas, mas não podiam ser mais diferentes um do outro. Richard era esguio, media um metro e noventa e cinco, o seu cabelo preto estava a ficar grisalho e era dotado de um sentido de humor sagaz. Sabia que pensara tornar-se padre e que ainda não descartara a ideia. Vivia perto da Universidade de Fordham, onde dava aulas.

Greg era precisamente da altura dela, quando usava saltos. O cabelo castanho estava cortado à escovinha. O seu rosto era dominado por uns olhos verde-acinzentados. Tinha sempre uma expressão deferente e Mariah interrogava-se se, apesar do seu sucesso como empresário, Greg não seria naturalmente tímido. Talvez fosse por isso que ele adorava estar perto do meu pai. O pai era um contador de histórias cativante.

Mariah saíra algumas vezes com Greg mas, tendo percebido que não sentia por ele um interesse romântico e com receio de o induzir nesse sentido, sugeriu que andava com outra pessoa e ele não voltou a convidá-la para sair.

Os dois homens ajoelharam-se junto do caixão por um instante.

— Acabaram-se as noites longas com o contador de histórias — disse ela, quando eles se levantaram.

— É impossível acreditar nisso — murmurou Lily.

A seguir, Albert West e Charles Michaelson vieram para junto dela.

— Mariah, lamento imenso. Nem posso acreditar. Foi tão repentino.

— Eu sei, eu sei — disse Mariah, ao olhar para os quatro homens que tinham sido tão queridos para o seu pai. — A polícia já falou com algum de vocês? Tive de lhes dar uma lista de amigos próximos e vocês estavam todos incluídos. — A seguir, virou-se para Lily. — Escusado será dizer que incluí o seu nome.

Será que detetei uma alteração súbita nalgum deles?, interrogou-se Mariah. Não tinha a certeza porque, na mesma altura, chegou o agente funerário, que pediu às pessoas que passassem pelo caixão uma última vez e se dirigissem para os carros. Estava na hora de irem para a igreja.

Esperou com a mãe até todos terem saído. Ficou aliviada por Lily ter tido a decência de não tocar no corpo do pai. Se ela se tivesse debruçado para o beijar, acho que lhe pregava uma rasteira, pensou.

A sua mãe parecia completamente alheada do que se passava. Quando Mariah a levou até junto do caixão, olhou inexpressivamente para o rosto do marido morto e disse:

— Ainda bem que lavou a cara. Tanto barulho... tanto sangue...

Mariah virou a mãe na direção de Rory e aproximou-se do caixão. Papá, devias ter vivido mais vinte anos. Alguém vai pagar por te ter feito isto.

Debruçou-se e encostou a cara à dele, algo de que se arrependeu mais tarde. Aquela pele áspera e fria pertencia a um objeto e não ao seu pai.

Quando se endireitou, murmurou:

— Eu vou tomar bem conta da mãe, prometo-te que vou.